

ORTODOXIA
G. K. CHESTERTON

EDIÇÃO CENTENÁRIA 1908 - 2008

ORTODOXIA

G. K. CHESTERTON

Traduzido por Almiro Pisetta



mundocristão

São Paulo

Copyright © 2007 por Editora Mundo Cristão

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (Sociedade Bíblica Brasileira), salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chesterton, G. K., 1874–1936

Ortodoxia / Gilbert K. Chesterton ; traduzido por Almiro Pisetta. — São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

Título original: *Orthodoxy*
ISBN 978-85-7325-505-8

1. Apologética 2. Chesterton, Gilbert Keith, 1874-1936 3. Conversão I. Título.

07-9420

CDD —239

Índice para catálogo sistemático:

1. Apologética: Doutrina cristã 239
2. Escritos polêmicos: Doutrina cristã 239
Categoria: Espiritualidade/Inspiração

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados pela:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: janeiro de 2008

SUMÁRIO

<i>Prefácio à edição comemorativa em português</i>	7
<i>Prefácio do autor</i>	15
I. Introdução em defesa de tudo o mais	17
II. O maníaco	25
III. O suicídio do pensamento	51
IV. A ética da Elfolândia	77
V. A bandeira do mundo	109
VI. Paradoxos do cristianismo	135
VII. A eterna revolução	169
VIII. O romance da ortodoxia	205
IX. A autoridade e o aventureiro	231

PREFÁCIO À EDIÇÃO COMEMORATIVA EM PORTUGUÊS

CERTA VEZ UM JORNALISTA PERGUNTOU A G. K. Chesterton qual o único livro que gostaria de ter caso fosse parar numa ilha deserta. Depois de uma pequena pausa, Chesterton respondeu: “Já sei: *Guia prático para a construção de navios*”.

Fora a Bíblia, se eu tivesse de escolher um único livro em situação semelhante, é bem provável que seria *Ortodoxia*, a autobiografia espiritual de Chesterton. Fiquei encantado ao descobrir que a Mundo Cristão decidira celebrar o centenário desta grande obra lançando uma nova edição.

Não entendo como os leitores se deixam atrair por um título tão imperscrutável, mas um dia foi exatamente o que fiz, e minha fé nunca mais foi a mesma. Na época eu passava por um período de aridez espiritual; tudo parecia estar velho, desgastado e sem vida. A leitura de *Ortodoxia* me trouxe novo refrigério e, acima de tudo, novo espírito de aventura. “Sou o homem que — com grande ousadia — descobriu apenas o que havia sido descoberto antes”, disse Chesterton. “Tentei criar uma nova heresia; mas, quando já lhe aplicava os últimos remates, descobri que era apenas a ortodoxia.”

Guiado por Chesterton, cheguei ao mesmo lugar, à mesma conclusão, e o percurso foi estimulante e inesquecível.

A analogia da ilha deserta aparece com freqüência na obra de Chesterton, pois ele enxergava o mundo como uma espécie de naufrágio cósmico. Na busca por significado, somos como um marinheiro que acorda de um sono profundo e descobre, espalhadas por todo lado, peças e relíquias de um tesouro procedente de alguma civilização esquecida. Uma por uma ele apanha as relíquias — moedas de ouro, bússola, roupas finas — e tenta discernir o seu significado. Chesterton afirma que a humanidade vive essa condição. As coisas boas da terra — o mundo natural, a beleza, o amor, a alegria — ainda apresentam traços de seu propósito original, mas cada uma delas pode ser incompreendida ou mal utilizada por causa de nossa natureza decaída e amnésica.

Após uma longa odisséia de dúvidas e ceticismo, Chesterton retornou à fé porque entendeu que somente o cristianismo fornecia as pistas para solucionar o mistério sobre essas relíquias.

Em primeiro lugar, intuí que este mundo é incapaz de explicar-se. Segundo, passei a acreditar que o sobrenatural deve ter algum significado, e que isso pressupõe a existência de alguém que lhe empresta sentido. Havia algo de muito pessoal no mundo, como se fosse uma obra de arte. Terceiro, considerei bela a antiga forma desse propósito, apesar de seus defeitos, assim como são belos os dragões. Quarto, concluí que a maneira mais apropriada de expressar gratidão a essa entidade é cultivar humildade e discrição, assim como devemos agradecer a Deus por cerveja e por vinho Burgundy, evitando beber em excesso. Por último, estranhamente me

veio à mente uma impressão vaga e vasta de que, de algum modo, todo bem é um vestígio que deve ser guardado e consagrado, devido à sua procedência de alguma ruína primordial.

Finalmente entendi que o desespero que eu sentira, a sensação de monotonia que me incomodava como uma dor persistente, era um sintoma normal da humanidade decaída. Chesterton compara nosso estado de espírito com o de Deus, um ser “forte o suficiente para exultar-se em meio à monotonia. É possível que Deus fale todas as manhãs para o sol: ‘Brilhe de novo’; e todas as noites, à lua: ‘Saia mais uma vez’... É possível que ele tenha o apetite insaciável de uma criança; pois nós humanos pecamos e envelhecemos, enquanto nosso Pai é mais jovem que nós”. Passo a passo, Chesterton ajudou-me a rejuvenescer o apetite pela vida.

Depois de descobrir *Ortodoxia*, li muitas outras obras de Chesterton. (Ele escreveu mais de 100 livros, e morri de inveja quando ouvi que ele ditava quase tudo para sua secretária, e que praticamente não precisava revisar o que havia criado.) Adquiri de Chesterton muito mais que meros fatos ou argumentos intelectuais; ganhei dele uma perspectiva nova, uma maneira “romântica” de enxergar minha fé. Ele afirmou que as virtudes pagãs, como justiça e temperança, são virtudes tristes. As virtudes cristãs — fé, esperança e amor — são virtudes alegres e exuberantes. Elas possuem certa aura de audácia:

O amor perdoa o imperdoável, senão deixa de ser virtude. A esperança não desiste, mesmo em face do desespero, senão

deixa de ser virtude. E a fé acredita no inacreditável, senão deixa de ser virtude.

Percebi que minha fé se reduzira a um exercício lacônico e severo de disciplinas espirituais, uma mescla triste de ascetismo e racionalismo. Minha alegria se desvanecera. Chesterton restaurou em mim um sentido romântico, uma sede pelas virtudes alegres e exuberantes: “O desespero não está em cansar-se do sofrimento, mas em cansar-se da alegria”.

O estereótipo do “gordo alegre” o descrevia perfeitamente. Chesterton pesava em torno de 140 quilos. Seu peso e seu fragilizado estado de saúde o desqualificaram para o serviço militar. Esse fato levou-o a trocar palavras ríspidas com uma patriota desconhecida durante a Segunda Guerra Mundial. Vendo Chesterton perambular pelas ruas de Londres, longe da guerra, essa senhora indagou, indignada: “Por que você não está na frente?” Chesterton, olhando para seu abdômen, respondeu-lhe friamente: “Cara madame, se a senhora der uma rápida olhada deste lado, vai ver que já estou.”

Chesterton apelava para o humor quando debatia em público com os agnósticos e ateus da época, mais notavelmente com o dramaturgo George Bernard Shaw. (Imagine que nessa época um debate sobre fé era capaz de encher um auditório.) Chesterton normalmente chegava atrasado, ajustava os óculos pincenê para perscrutar suas anotações rabiscadas num punhado de papéis e passava a entreter o público, rindo alto das próprias graças e piadas. Bufando sob o amplo bigode, com os olhos cintilantes, defendia conceitos “reacionários” como o pecado original e o

juízo final. Quase sempre ganhava o público com seu charme arrasador e celebrava levando o oponente vencido ao *pub* mais próximo. Certa vez seu contemporâneo Franz Kafka comentou: “Ele é tão alegre que parece ter encontrado o próprio Deus!”.

Um jornal londrino promoveu extenso debate entre Chesterton e Robert Blatchford, editor de um periódico socialista. O resultado desse embate foi a publicação de *Ortodoxia* e de várias outras obras de apologética cristã. Quando Blatchford citava as razões pelas quais não conseguia aceitar o cristianismo, Chesterton sempre respondia com uma refutação vigorosa e bem-humorada, que acabava virando de ponta cabeça os argumentos do oponente: “Se eu oferecesse todas as minhas razões para ser cristão, a grande maioria seria exatamente as razões que o senhor Blatchford daria para *não* o ser”.

Chesterton reconhecia que a igreja não representava bem o evangelho. Dizia que o comportamento lamentável dos cristãos gerava de fato o argumento mais forte contra o cristianismo. Os cristãos são prova cabal daquilo que a Bíblia ensina sobre a Queda. Certa vez o jornal *London Times* pediu a alguns escritores que respondessem à pergunta: “O que há de errado com o mundo?”. Chesterton enviou a resposta mais sucinta:

Prezados Senhores:

Eu.

Atenciosamente,

G. K. Chesterton

Chesterton parecia perceber instintivamente que numa sociedade cheia de gente sofisticada que desprezava a religião, um profeta sisudo teria muito menos impacto do que um bobo da corte. Descreveu desta forma o seu método: “Para responder ao cético arrogante, não adianta insistir que deixe de duvidar. É melhor estimulá-lo a continuar a duvidar, para duvidar um pouco mais, para duvidar cada dia mais das coisas novas e loucas do universo, até que, enfim, por alguma estranha iluminação, ele venha a duvidar de si próprio”.

Acredito que carecemos de um novo Chesterton. Num lugar como os Estados Unidos, precisamos de seu humor, de sua hilaridade e de sua humildade para trazer certo equilíbrio à igreja cristã, que se leva muito a sério e que hoje funciona como uma grande corporação. Num lugar como o Brasil, precisamos de sua sabedoria ao tratar dos excessos da igreja, e de sua genialidade para enfrentar aqueles que enxergam a religião como inimiga. Quando viajo, pergunto às vezes às pessoas: “O que lhe vem à mente quando ouve a palavra *cristão*?”. Normalmente elas respondem negativamente, descrevendo atitudes depreciativas, legalismo ou políticas ultraconservadoras. Como seria ótimo se nessa hora as pessoas se lembrassem de gente como Chesterton, pois ele não tinha nada disso. Para ele, o evangelho era de fato as boas-novas.

Nos dias atuais em que a cisão entre cultura e fé se abre ainda mais do que na época de Chesterton, poderíamos muito bem nos valer de sua mente brilhante, de seu estilo divertido e, acima de tudo, de seu espírito generoso e bem-

humorado. Quando a sociedade se polariza, é como se as duas alas se posicionassem dos dois lados de um abismo para gritar desaforos uma para a outra. A abordagem de Chesterton era diferente: ele caminhava até o centro da ponte pênsil, esbravejava um desafio a qualquer guerreiro mais ousado e, então, levava todos às gargalhadas.

G. K. Chesterton conseguia apresentar a fé cristã com mais humor, bom ânimo e força intelectual do que qualquer outro no século passado. Com o mesmo zelo de um soldado em defesa do último reduto, ele encarava feras como Shaw, H. G. Wells, Sigmund Freud, Karl Marx e qualquer outro que ousasse explicar o mundo sem considerar Deus e sua Encarnação. T. S. Eliot julgou que Chesterton “fez mais — penso eu — que qualquer de seus contemporâneos para sustentar a existência dessa minoria importante para o mundo moderno”.

Foi o que ele fez por mim. Sempre que percebo que minha fé volta a correr o risco de tornar-se árida, vou até minha estante e apanho um livro de G. K. Chesterton. E assim começa de novo a aventura.

PHILIP YANCEY
Especial para a Editora Mundo Cristão

PREFÁCIO DO AUTOR

ESTE LIVRO FOI ESCRITO para ser lido como complemento a *Heretics* [Hereges] e mostrar o lado positivo além do negativo. Muitos críticos se queixaram daquele livro dizendo que ele simplesmente criticava as filosofias correntes sem oferecer nenhuma filosofia alternativa. Este livro é uma tentativa de responder a esse desafio. Ele é inevitavelmente afirmativo e, por isso mesmo, inevitavelmente autobiográfico. O autor foi levado a recuar e enfrentar mais ou menos a mesma dificuldade que afligiu Newman ao escrever a sua *Apologia*; foi forçado a ser egoísta só para ser sincero. Embora todos os outros aspectos possam diferir, o motivo nos dois casos é o mesmo. O autor tem o propósito de tentar explicar não se a fé cristã pode ser abraçada, mas como ele pessoalmente passou a abraçá-la.

Este livro, portanto, está organizado com base no princípio positivo de um enigma e sua solução. Trata primeiro de todas as solitárias e sinceras especulações pessoais do autor e depois do dramático estilo em que elas são de súbito respondidas a contento pela teologia cristã. O autor vê isso como algo que leva a um credo convincente. Mas se não chegar a tanto, trata-se no mínimo de uma repetida e surpreendente coincidência.

INTRODUÇÃO EM DEFESA DE TUDO O MAIS

A ÚNICA DESCULPA POSSÍVEL para este livro é que se trata de uma resposta a um desafio. Mesmo um mau disparo tem sua dignidade quando se aceita um duelo. Quando há algum tempo publiquei uma série de artigos escritos às pressas, porém honestos, sob o título de “Heretics”, vários críticos cuja inteligência tem meu sincero respeito (menção especial pode ser feita ao sr. G. S. Street) disseram que não viam problema algum no fato de eu dizer a todos que afirmassem a sua teoria cósmica, mas que eu cuidadosamente me havia furtado a sustentar os meus preceitos com exemplos. “Começarei a preocupar-me com a minha filosofia”, disse o sr. Street, “depois que o sr. Chesterton tiver apresentado a dele.”

Talvez tenha sido uma sugestão incauta, dirigida como foi a alguém sempre mais que disposto a escrever um livro diante da mais ligeira provocação. Mas, no fim das contas, embora o sr. Street tenha inspirado e criado este livro, ele não precisa lê-lo. Se de fato o ler, descobrirá que em suas páginas eu tentei, de forma vaga e pessoal, num conjunto de quadros mentais mais do que numa série de deduções,